



POR CARLOS MARIOTTI

Gerente-executivo da área de Política Industrial da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ)



indústria brasileira de árvores



A APOSTA EM UM FUTURO SUSTENTÁVEL

Julho foi o mês mais quente de que se tem registro no planeta, segundo o Centro Nacional de Previsão Ambiental dos Estados Unidos. O fato torna mais evidente a crescente enrascada climática e ambiental em que nos metemos. Como humanidade, é preciso colocar um freio e encontrar saídas, ou ameaçaremos a existência das gerações futuras neste planeta.

Parte importante desse esforço reside na substituição de materiais de origem fóssil. Hoje, segundo o PNUMA, 90% do lixo que polui os oceanos, causando problemas ao ecossistema marinho e à biodiversidade, advêm de resíduos de origem fóssil, que são descartados após um só uso. Esse descarte incorreto levará centenas de anos para se decompor, acumulando-se e causando inúmeros problemas ambientais e sanitários até que desapareça.

Se desejamos transformar tal cenário, será preciso investir em alternativas mais amigáveis ao meio ambiente. No ramo da

energia, dos transportes, dos alimentos e em todas as atividades econômicas que fazem parte das atividades humanas, o impacto ambiental precisará ser medido no momento de optar por matérias-primas, produtos e processos mais ou menos sustentáveis.

Com 9,9 milhões de hectares de área produtiva, o setor de base florestal conserva outros 6 milhões de hectares de mata nativa, uma área maior do que o Estado do Rio de Janeiro. Toda essa área produtiva fornece insumos para a produção de mais de 5 mil bioprodutos, todos eles de origem renovável, biodegradáveis e recicláveis. Um dos grandes destaques do setor, as embalagens de papel têm tudo a ver com as novas demandas dos consumidores em busca de maior sustentabilidade.

Estudo recente, realizado pela IBÁ e Empapel junto ao IBRE/FGV, revelou que, em 2022, 75,8% do papel para embalagens produzido no País foi reciclado. O percentual era de 57,9% no ano 2000, um salto considerável que demonstra a reciclabilidade desse



produto e como o setor avançou em incorporar a ele a lógica da circularidade, da produção ao pós-consumo. Isso se deve a um sistema de logística reversa que vem sendo consolidado e reflete resultados ano a ano.

Paralelamente, devido a investimentos em ciência e tecnologia por parte do setor, nos últimos anos as embalagens de papel e utensílios de uso único de papel, como copos, potes, canudos, entre outros, vêm incorporando atributos cada vez mais inovadores, como maior rastreabilidade, novas e interativas formas de apresentar informações e inovadores revestimentos biodegradáveis, que dispensam materiais de origem fóssil para transporte, armazenamento e refrigeração de alimentos e bebidas.

Tais produtos vêm atraindo cada vez mais interesse da indústria e dos consumidores por seu pós-uso. Em muitos casos, as embalagens são o primeiro e único contato com a comunicação de marca de determinados produtos. Sendo assim, as embalagens de papel e os utensílios de uso único de papel carregam grande potencial em transmitir seu inerente valor sustentável, considerado essencial pelos consumidores contemporâneos. Nesse sentido, pesquisa recente da agência de publicidade Lew’Lara avaliou a percepção de brasileiros sobre 200 marcas e concluiu que, no âmbito do tripé ESG, as questões ambientais são as mais importantes para 41% dos entrevistados.

Para além dos avanços tecnológicos e sustentáveis, que possibilitam oferecer alternativas ambientalmente amigáveis aos consumidores, a cadeia de embalagens de papel tem uma função social relevante. Atualmente, são 800 mil trabalhadores envolvidos no processo de reciclagem de materiais, segundo o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Ao envolverem-se com a promoção do pós-uso responsável, as companhias do setor investem em projetos para fomentar o trabalho de milhares de pessoas que lidam com a reciclagem de papel.

A Klabin, por exemplo, é apoiadora oficial da ONG Pimp My Carroça, uma organização que oferece suporte a catadores de materiais recicláveis e atua para aumentar sua renda, realizando uma série de projetos em parceria com empresas e governos. Durante a pandemia, a empresa foi uma das apoiadoras da campanha, intermediada pela ONG, que garantiu renda mínima a centenas de catadores.

Já a Ibema, junto a parceiros, inaugurou em outubro de 2022 o projeto **Estação Preço de Fábrica** em Embu das Artes, na Grande São Paulo. Desde seu início, o projeto já arrecadou mais de 430 toneladas de resíduos recicláveis, destinando-os corretamente e beneficiando cerca de 370 famílias.

Durante o Rock In Rio de 2022, a Suzano e o iFood se uniram em prol da conscientização do público sobre a reciclagem do papel.

Cerca de 70 mil copos de papel foram distribuídos durante o festival, diminuindo a necessidade de materiais de origem fóssil. As empresas também espalharam pontos de coletas e máquinas de reciclagem em toda a área do festival. Para conscientizar o público, brindes foram distribuídos para aqueles que faziam a destinação correta dos resíduos.

Pelo lado da educação ambiental, a WestRock lançou em 2020 o projeto **Juntos pela Educação**, que promove a capacitação de professores da rede pública de ensino no tema. Com certificação reconhecida pelo MEC, o projeto alcançou 22 cidades em 2022 e teve seu conteúdo programático baseado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs) da ONU e nos 5Rs de sustentabilidade da WestRock: repensar, reduzir, reutilizar, reciclar e regenerar.

A Irani tem aliado olhar social, sustentabilidade e inovação por meio de seu programa Irani Labs. A companhia está selecionando 12 *startups* para desenvolver projetos disruptivos que auxiliem a empresa a avançar em pilares estratégicos, entre eles a “melhoria nas condições sociais/de trabalho de catadores”.

A diversidade de ações e projetos do setor relacionados à circularidade reflete a necessidade de envolvimento de múltiplos atores na consolidação de uma cadeia eficiente de reciclagem e a da consciência necessária à economia circular.

O setor tem expertise no tema da logística reversa e na promoção do pós-uso responsável e tem feito, há décadas, um trabalho de promoção do ecossistema de reciclagem e apoiando os atores envolvidos no mesmo – vide os altos índices de reciclagem do papel no Brasil, ante outros resíduos de origem fóssil.

Mas, mesmo com os avanços, é preciso um engajamento maior do poder público com o tema. Apenas 18% dos municípios brasileiros possuem coleta seletiva, segundo Compromisso Empresarial para Reciclagem (Cempre), enquanto a Política Nacional de Resíduos Sólidos, lei aprovada em 2010, até hoje não foi completamente implantada. É preciso o envolvimento da iniciativa privada, mas também de governos e da própria sociedade como um todo.

Diante do risco de um colapso ambiental, devemos, cada vez mais, apostar em soluções e processos colaborativos e inovadores para construir um futuro mais sustentável. As embalagens, bem como copos, potes e canudos de papel, alternativas recicláveis e biodegradáveis aos produtos de origem fóssil e de uso único, fazem parte desse futuro.

Cabe a nós, como sociedade, valorizar os bons exemplos e exigir que políticas públicas sejam implantadas na prática, abrindo caminhos para concretizar o sonho de um planeta saudável para as futuras gerações, assim como um meio ambiente próspero a toda biodiversidade da Terra. Essa é uma aposta que vale a pena fazer. ■

SOBRE A IBÁ – A Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) é a associação responsável pela representação institucional da cadeia produtiva de árvores plantadas, do campo à indústria, junto a seus principais públicos de interesse. Saiba mais em: www.iba.org.br